**Glória Kok** [29/09/2011]

# Fronteiras índias nos “dezertos, ainda indecizos, pella linha imaginária”. Século XVIII

**https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#text**

**Resumos**

[Português](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#abstract-62012-pt)[English](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#abstract-62012-en)

O objetivo deste artigo é investigar os conflitos que ocorreram a partir do processo de expropriação dos territórios indígenas pelos paulistas, no extremo oeste da América portuguesa, durante o século XVIII. A descoberta das minas de ouro em Cuiabá (1718) e em Goiás (1725) fomentou confrontos e negociações com os povos indígenas da região: os Kaiapó meridionais, que ocupavam do sudeste do Mato Grosso até a embocadura do Araguaia; os Mbayá-Guaycuru, distribuídos na parte meridional e central do Chaco; e os Payaguá, que dominavam os rios Paraguai e Cuiabá. Aproveitando-se das disputas entre as Coroas nas fronteiras ibéricas, esses grupos indígenas articularam estratégias políticas e comerciais extremamente versáteis, estabelecendo alianças fluidas ora com portugueses, ora com espanhóis, ora com grupos indígenas. Neste cenário colonial ibero-ameríndio, forjaram-se novas identidades indígenas organizadas politicamente e capazes de negociar com as autoridades ibéricas. Por outro lado, as tropas paulistas que se formaram para combater os povos indígenas das fronteiras estavam marcadas pela diversidade étnica e desenvolveram estratégias eficazes nas guerras de conquista na América meridional.

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Entradas no índice**

**Keywords :**

[18th century](https://nuevomundo.revues.org/60864), [frontiers](https://nuevomundo.revues.org/56188), [identities](https://nuevomundo.revues.org/36223), [Indians](https://nuevomundo.revues.org/27842), [Paulistas](https://nuevomundo.revues.org/62013), [South America](https://nuevomundo.revues.org/16212)

**Palavras Chaves :**

[América meridional](https://nuevomundo.revues.org/62017), [fronteiras](https://nuevomundo.revues.org/58475), [identidades](https://nuevomundo.revues.org/36183), [Índios](https://nuevomundo.revues.org/62015), [Paulistas](https://nuevomundo.revues.org/62016),[século XVIII](https://nuevomundo.revues.org/62018)

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Mapa**

[**1. “Bárbaros errantes”**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocto1n1)

[**2. “Desenfestar” caminhos, campanhas e vilas**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocto1n2)

[**Considerações finais**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocto1n3)

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Texto integral**

[PDF](https://nuevomundo.revues.org/pdf/62012)[Assinalar este documento](https://nuevomundo.revues.org/signaler62012)

“É porém muito necessário e grande cautela de dia e noite desde o Rio Taquari até o dos Porrudos à barra do Cuiabá porque em toda esta distância há gentio e quem se quiser livrar dele mande fazer fogo em uma parte e vá arranchar-se a outra como costuma fazer  nesta viagem  o P. André dos Santos e assim acudindo o gentio à fumaça e ao fogo e não achando ninguém se persuade que lhe fugiram”.
Anônimo. “Entrada no Rio Grande”.

1Na esteira da expropriação dos territórios indígenas pelos paulistas, no extremo oeste da América portuguesa, atraídos pela descoberta das minas de ouro em Cuiabá (1718) e em Goiás (1725), desenhou-se uma arena de acirrados conflitos e guerras entre os agentes da colonização das Coroas ibéricas (bandeirantes, missionários, burocratas, comerciantes, militares e aventureiros) e os povos indígenas da região, sobretudo os Kaiapó meridionais, que ocupavam do sudeste do Mato Grosso até a embocadura do Araguaia; os Mbayá-Guaicuru, distribuídos na parte meridional e central do Chaco; e os Payaguá, que dominavam os rios Paraguai e Cuiabá. Nas nebulosas fronteiras ibéricas, esses grupos indígenas articularam estratégias políticas e comerciais de alianças e dissensões extremamente versáteis. No contexto colonial ibero-ameríndio forjaram-se novas identidades indígenas no trato com os colonos, as Coroas ibéricas e os grupos ameríndios. No cenário sul-americano, portanto, irrompia uma política aguerrida de resistência à presença dos adventícios, ao esbulho das terras e à escravização durante o século XVIII.

[***1. “Bárbaros errantes”***](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocfrom1n1)

* **1** John Hemming, “Índios and the Frontier in Colonial Brazil”, In *The Cambridge History of Latin* *Ameri*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn1)
* **2** Gregory H. Nobles,*American frontiers: cultural encounters and continental conquest*, New York, Hill[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn2)

2No período que antecedeu à chegada dos europeus, os nativos demarcavam fronteiras fluidas de seus territórios, quer pelos ciclos da coleta, caça e agricultura, quer pelos limites geográficos estabelecidos e conhecidos por todos os membros da tribo[**1**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn1). Durante o processo de colonização, entretanto, as fronteiras do continente americano foram redefinidas de modo a significar, não apenas o limite de um domínio territorial, mas, sobretudo, um divisor de águas entre etnias distintas. Observou Gregory Nobles que as fronteiras favoreciam intercâmbios e trânsitos entre culturas múltiplas, acarretando mudanças profundas tanto nas culturas nativas quanto nas européias[**2**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn2).

* **3** Mário Neme, “Dados para a história dos índios Caiapó”, *Anais do Museu Paulista*, t. XXIII, São Paulo [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn3)
* **4** John M. Monteiro, “’Good Indians’ and ‘Bad Indians’ in Colonial Brazil: cultural and economic deter [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn4)
* **5** Idem, p. 22a.

3Os Kaiapó meridionais, também chamados de “bilreiros”, pertenciam à família Jê. No século XVII, viviam em uma vasta região que se estendia do noroeste da vila de São Paulo, ao norte de Cuiabá e a leste e ao norte de Goiás. No século seguinte, avançaram até as terras do atual Triângulo Mineiro, atingindo a embocadura do Araguaia[**3**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn3). A bandeira comandada por Garcia Rodrigues Velho, em 1612, marcou, para os Kaiapó, o início de uma fase de franca hostilidade aos paulistas[**4**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn4), movida pela espoliação das terras indígenas pelos portugueses e mamelucos[**5**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn5).

4No século XVIII, os Kaiapó investiam contra as canoas que incursionavam pelos rios Pardo, Paraná, Taquari, Verde, Coxim e Camapuã, e também contra os estabelecimentos dos dispersos moradores que ensaiavam suas roças às margens desses rios e os caminhos terrestres para Goiás. Com os corpos pintados da cor do mato, atacavam com arcos e flechas, além de uma espécie de porrete, os grupos de sertanistas que se desgarravam das tropas.

* **6** Francisco Palácio,*Roteyro da viagem de São Paulo p.aas Minas de Cuyabá que fez Francisco Palácio*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn6)

5“Costumam estes estar escondidos em qualquer moitazinha de matto bisuntados com terra, e estareis olhando para elles, sem divizares q. he gente, e deixandovos passar vos faram tyro por de traz com o já nomeado porrette pondo vos os miolos a mostra, e basta hum só gentio desta nação para acabar hua tropa de muitos milhares de homens”, escreve Francisco Palácio[**6**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn6).

* **7** “Carta de João Batista Duarte, Juiz de Fora da Vila de Cuiabá a D. Luís Pinto de Sousa Coutinho, Go [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn7)

6No entanto, quando as condições eram propícias, faziam um cerco de fogo com o intuito de impedir a fuga, abrasando *in loco* os viandantes, ou ainda, traziam em sua companhia um moleque que lhes servia de guia e, quando avistava os “brancos”, pedia-lhes que o “apadrinhassem q. andava fugido, e q. logo falava alguas palavras pella lingoa do Gentio e repentinam.te lhe sahira este q estava embuscado” para o ataque[**7**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn7).

* **8** Sílvia M. Schmuziger Carvalho, “Chaco: encruzilhada de povos e ‘*melting pot*’ cultural, suas relaçõe [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn8)
* **9** Carina P. Lucaioli, *Los grupos abipones hacia mediados del siglo XVIII*, Buenos Aires, Sociedad Arg[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt" \l "ftn9)

7 Assim como os Kaiapó, os Mbayá-Guaicuru, da família lingüística Mbayá, conhecidos como “índios cavaleiros”, eram, de acordo com Sílvia Carvalho, “as tribos mais extensamente distribuídas na parte meridional e central do Chaco. Compreendiam os Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e os Mbayá”[**8**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn8). Em sua origem, o termo Guaicuru parece ter sido criado pelos Guarani (*guá*, partícula que leva o significado de gente; *ai*, malvado, traidor; *curú*, sarna, sujo), para designar um conjunto heterogêneo de grupos indígenas que compartilhavam um determinado território, língua e o caráter guerreiro[**9**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn9). Habitavam as margens do rio Paraguai e percorriam vastos campos existentes entre os rios Paraná e Paraguai.

* **10** Sílvia M.Schmuziger Carvalho, op.cit., p. 463.
* **11** M.E.de Azevedo Marques, *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticioso*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn11)

8Empecilho à circulação e à ocupação das fronteiras do Mato Grosso, o grupo indígena conhecido pelo nome Payaguá, se autodenominava Evuevi ou Euébe – “gente do rio”, “gente da água”[**10**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn10). Hábeis canoeiros, esses “corsários fluviais” falavam a mesma língua do grupo Guaicuru e transitavam pelas águas do rio Paraguai e Pantanal[**11**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn11). Dividiam-se em tribo meridional – os “Tacumbú” (anteriormente chamados de “Agaces”), estabelecidos nos arredores de Assunção – e tribo setentrional – os “Cadigué” ou “Sarigués”, que viviam no delta do Paraná e na margem esquerda do Paraguai.

* **12** “Carta de Miguel Antonio de Sobral, relatando um ataque dos índios Paiaguá, matando diversas pessoa [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn12)
* **13** “Parecer incompleto de João de Souza de Azevedo, Sargento-mor, sobre o Tratado de Limites de 1750, [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn13)

9Nas conturbadas paisagens fronteiriças do século XVIII, os Cadigué migraram para o atual Pantanal, em virtude da crescente tensão entre os índios e os missionários jesuítas. A partir daí, passaram a assaltar as monções paulistas que seguiam pelos caminhos fluviais de Porto Feliz a Cuiabá. Guerreavam em canoas, nas quais embarcavam de oito a dez pessoas. Em 1736, informa o documento que esses índios valiam-se de “alguas Lanças e huas chapas de ferro feitas com o milhor primor de arte e tão agudas e afiadas q’ hão de penetrar o mais seguro [...] e bem mostrão serem feitas pelos castelhanos q’ os fomentão p.a estes roubos”[**12**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn12). A suspeita de uma aliança entre os Payaguá e os padres das aldeias da Companhia de Jesus é reforçada em vários documentos, pois as  suas armas são “boas chapas de ferro, e bem obradas, e bronse nas cabeças dos porretes” e o dito  Gentio falava tanto a língua geral quanto o espanhol[**13**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn13), no que, para muitos, residia a explicação para a contínua repetição dos assaltos dos Payaguá por mais de meio século.

* **14** D. Antonio Rolim de Moura, “Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cid [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn14)
* **15** Domingos Lourenço de Araújo, “Notícias 3ª Prática dada pelo Capp.mDomingos Lourenço de Araújo ao R [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn15)

10Depois de vigiar cuidadosamente o movimento das tropas, os Payaguá, escondidos em ribeirões e sangradouros, especialmente nos rios Paraguai-Mirim e Paraguai-Grande, saem, ao menor descuido, “com uma grande gritaria, e o seu empenho todo é molhar-nos as armas, a abordar para se livrarem do dano que delas recebem, se nos dão lugar para isso”[**14**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn14). Nesses assaltos, “traziam as caras, e corpos todos pintados, ornavam com variedade de penas as cabeças [...]”[**15**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn15). A presença dos Payaguá no Pantanal, além dos constantes assaltos às monções paulistas para capturar cativos e outros produtos coloniais, enfraqueceu os Guató, nativos que anteriormente dominavam a região.

* **16** Francisco Rodrigues Prado, “História dos Índios Cavalleiros ou da Nação Guaycuru”, *Revista do Insti*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt" \l "ftn16)

11Foi por volta de 1700 que os Mbayá-Guaicuru acirraram as hostilidades contra portugueses e espanhóis. Os Guaicuru , Paraguai e seus afluentes, possuíam armas bem diversificadas, reflexo do intenso intercâmbio cultural nas fronteiras: arcos e flechas, porretes elaços de couro, remos de canoas afiados nas extremidades, lanças, facões e espingardas. Em combate, “vestem uma camisa de couro de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgam impenetrável a todas as obras offensivas, mesmo as balas”[**16**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn16).

* **17** Guillaume Boccara,*Guerre et ethnogenèse mapuche dans le Chili colonial. L´invention du soi*, Pari [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn17)

12A apropriação do cavalo trazido pelos espanhóis possibilitou um novo equacionamento de forças dos Mbayá-Guaicuru diante de outros grupos indígenas e dos adventícios, sem, entretanto, alterar radicalmente as técnicas e as estratégias guerreiras dos ameríndios. O mesmo ocorreu entre os Reche do Chile, para os quais o cavalo tornou-se rapidamente um símbolo de prestígio dos guerreiros, facilitando a vitória nas operações de guerra[**17**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn17).

* **18** João Antonio Cabral Camello, “Noticias Práticas das Minas do Cuiabá e Goiases, na Capitania de S. P [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn18)
* **19** Pe José Sanchez Labrador, *El Paraguay Católico*, II Tomos, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn19)

13A principal estratégia guaicuru era combater a cavalo em campo aberto em grandes tropas de cavaleiros. Quando avistavam os inimigos, “ajuntavam os cavallos e bois, e cobrindo os lados, os apertavam de sorte que, com a violencia com que iam, rompiam e atropellavam os inimigos, e elles com a lança matavam quantos encontravam diante”[**18**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn18).Outro modo de combate era a divisão em várias tropas compostas por cerca de 40 guerreiros indígenas. Uma pequena tropa mostrava-se visível aos espanhóis que partiam ao seu encalço, enquanto outras tropas apareciam em lugares distintos. Disso resultava a divisão e a completa desorientação da milícia espanhola. “Con esta traza han logrado casi arruinar la província del Paraguay por el Oriente y Norte”, comenta o Padre Labrador[**19**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn19).

14Graças à superioridade que os cavalos lhes proporcionavam, os Mbayá-Guaicuru guerrearam contra diversas nações indígenas. O objetivo das guerras ameríndias residia em capturar cativos, principalmente as crianças. Descreve Labrador:

* **20** Idem, p. 311.

15“Aunque sean de pecho se los llevan y hacen criar según sus bárbaros ritos y modales. De éstos tienen actualmente muchos de todas edades, hijos de españoles de la ciudad de la Asunción, y de la Villa de Curuguatí, como también de otras naciones. Las mujeres grandes merecen algum miramiento y cautivan algunas; otras y todos los hombres pasan por los filos de sus lanzas y alfanges”[**20**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn20).

* **21** Francisco Rodrigues do Prado, op.cit., p. 31.
* **22** Félix Azara, *Viajes por la América Meridional*, II Tomos, Buenos Aires, El Elefante Blanco, 1988, p[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn22)

16Assim, em suas aldeias viviam índios das nações Guaxi, Guató, Cayovaba, Bororo, Coroa, Kaiapó, Xiquito e Xamococo[**21**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn21), que faziam diversos serviços, como buscar lenha, carregar água, caçar, pescar, fazer pinturas corporais e cultivar a terra. Testemunha Azara que o Guaicuru mais pobre tinha “tres o cuatro esclavos”[**22**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn22).

* **23** Pe José Sanchez Labrador, op.cit., p. 42.

17O Padre Labrador conversou com um português idoso de Cuiabá, que vivia há mais de dezesseis anos na aldeia Guaicuru. Uma senhora portuguesa, cujo marido foi morto pelos índios no caminho de Cuiabá, já completava sete anos entre os ameríndios, em companhia de seus dois criados negros e seis cativas cristãs de Assunção, das quais uma servia de intérprete, pois sabia a língua Guarani[**23**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn23). Tudo indica que esses cativos, ao lado das lideranças indígenas desses grupos, exerciam papéis de intérpretes e de mediadores no mundo colonial ibérico.

* **24** Claude Lévi-Strauss, “Guerra e comércio entre os índios da América do Sul”. In Schaden, Egon, *Leitu*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn24)
* **25** “Carta de D. Antonio Rolim de Moura, Governador Capitão General da Capitania de Mato Grosso a Diogo [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn25)

18Os cativos de guerra serviam como reféns que podiam ser trocados por produtos coloniais, formando, assim, complexas redes comerciais e sociais. Como bem observou Lévi-Strauss, “os conflitos guerreiros e as trocas econômicas não constituem unicamente, na América do Sul, dois tipos de relações coexistentes, mas antes os dois aspectos, opostos e indissolúveis, de um único e mesmo processo social”[**24**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn24). Os Payaguá vendiam portugueses, mamelucos, negros e mulatos na cidade de Assunção. De acordo com a carta de D. Antonio Rolim de Moura, Governador da Capitania de Mato Grosso, “quaze todos os Escravos que foram parar em Assumpção he por mão do Payagoá a quem a d.a Cid.e os comprão por terem ordinariam.te pazes com o d.o Gentio [...]”[**25**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn25).

* **26** *Apud* Sérgio Buarque de Holanda, *O Extremo Oeste*, São Paulo, Brasiliense, Sec. do Est. e da Cultura, [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn26)

19Em reação à conquista ibérica dos territórios indígenas, os Mbayá-Guaicuru fizeram aliança com os Payaguá, entre aproximadamente 1719 e 1768, o que garantiu a superioridade bélica dos ameríndios nas guerras contra espanhóis, portugueses e outros grupos indígenas nas arenas da América meridional. Lamenta-se Azara: “*Pouco faltou para que exterminassem todos os espanhóis do Paraguai”*[**26**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn26)*.*

20No dia 15 de setembro de 1730, D. Carlos de Los Rios Valmaseda testemunhou a chegada de sessenta canoas dos Payaguá à cidade de Assunção.

* **27** D. Carlos de Los Rios Valmaseda, “Notícia 4ª Prática vinda da Cidade do Paraguai a Nova Colonia do [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn27)

21“Quatro índios muy emplumados, y armados con flechas, y lanças y almagrados los rostros, vestidos con uno [s] cassacones de cuero de tigres a dar parte al do Governador, en como traían a unos cautivos Portugueses, que queriam vender a los Españoles; [...] poniendo excessivo precio a uma señora Portuguesa, y a dos mancebos fuera de otros, y mulatos”[**27**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn27).

22Depois de estabelecidos os termos da transação, os Payaguá trouxeram a senhora chamada Domingas Roiz, natural de Lisboa, que fora capturada no ataque de 6 de junho de 1730 à monção do Dr. Álvares Lanhas Peixoto, dois rapazes e doze negros e mulatos para serem trocados por prata. Comenta o autor que todos os cativos se encontravam em estado miserável, especialmente a senhora:

* **28** D. Carlos de Los Rios Valmaseda, op.cit., p. 146.

“a quien habian rapado cejas, pestanas, y cabeça sin mas vestuario, que unas naguas viejas, hechas pedaços, com q. cobria sus verguenças: los mas los traían desnudos del todo, y rapados en la misma forma”[**28**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn28).

* **29** D. Carlos de Los Rios Valmaseda, p. 148.

23O sucesso dos assaltos payaguá e guaicuru resultou na captura de numerosos prisioneiros, o que reforçou a identidade coletiva guerreira desses grupos, além de ter favorecido a apropriação de grande quantidade de ouro e de prata, que fomentou a circulação de produtos coloniais nas aldeias indígenas, criando uma vasta rede comercial. As transações comerciais ocorriam nas fronteiras das Coroas ibéricas, sobretudo entre Cuiabá e Assunção. Dos produtos saqueados, os Payaguá comercializavam cativos portugueses, mamelucos, negros e mulatos na cidade de Assunção por ouro e prata. Tão grande era o influxo de ouro trazido pelos nativos,  comenta Valmaseda, que “oy se compran yá los generos de Castilla por oro, y no por yerva, ni tavaco”[**29**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn29).

[***2. “Desenfestar” caminhos, campanhas e vilas***](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocfrom1n2)

* **30** “1735, Dezembro, 2. Lisboa Ocidental”. Caixa 11. Doc. no1102,*Projeto Resgate. Catálogo 2*. Conselh [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn30)

24A partir de 1728, tornaram-se freqüentes as expedições punitivas para “desenfestar” os índios Payaguá, Guaicuru e Kaiapó dos caminhos fluviais e terrestres que se irradiavam das minas de Cuiabá e de Goiás. D. João V ordenou “dar um castigo que os atemorisasse, de modo a que se respeitassem as armas portuguesas”. Como resultado, armas, pólvora, balas, munições e mais “apetrechos necessários para tal fim” foram distribuídos aos integrantes das tropas, por conta da Real Fazenda[**30**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn30).

* **31**  “1735, Dezembro, 2. Lisboa Ocidental”. Caixa 11. Doc. no1102,*Projeto Resgate. Catálogo 2*. Consel [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn31)

25Recomendou que “sejão atacados dentro dos seus alojamentos, assim os gentios Payaguazes, como tão bem as mais nações que confederadas com elles os ajudassem a nos hostilizar, queimando-lhes, e destruindo-lhes todas as suas Aldeias para que este espetáculo lhes sirva de mayor horor ficando em cativeiro todos aquelles que se puderem render e apanhar”[**31**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn31).

* **32** “Carta de Antonio de Souza Barros, Juiz da Vila de Cuiabá a S. Majestade, informando a Antonio da S[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn32)
* **33** *Documentos Interessantes* XXII, p. 168.
* **34** “Carta do Provedor e Intendente da Fazenda da Vila de Cuiabá, informando sobre a arrecadação e desp[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt" \l "ftn34)
* **35** “Carta de João Gonçalves Pereira, Ouvidor Geral da Comarca de Cuiabá a Manoel Caetano Lopes de Lavr [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn35)

26Quanto aos cativos de guerra, a Coroa portuguesa recomendava a venda em praça pública e a distribuição aos particulares que integraram a expedição punitiva, desde que fossem devidamente pagos o “Real quinto de V.a Mag.e”[**32**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn32). Se os índios se entregassem, seriam presos e julgados, mas, se lutassem, seriam executados, com exceção das crianças com menos de dez anos que eram destinadas a “se tirar o quinto de S. Mag.e”[**33**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn33). Na capitação das matrículas dos anos de 1736-39, da Vila de Cuiabá, aparece, entre outros itens, o pagamento dos quintos dos Payaguá capturados em guerra[**34**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn34). Em outubro de 1737, João Gonçalves Pereira, ouvidor-geral da Comarca de Cuiabá, declara “guerra do gentio Cayapó e Payaguá e que todas as pessoas que prizionarão o d.ogentio se sirvão delle e o não possão vender, trocar alhear nem escambar a troco de ouro”[**35**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn35).

* **36** “Lista de soldados aventureiros q hão de hir a Conquista do Gentio Cayapó”, Caixa 88, Ordem 334, Ar [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn36)
* **37** O Prof. John Manuel Monteiro analisou as categorias de classificação da população colonial no sécul [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn37)

27As tropas de soldados das expedições punitivas de combate aos grupos indígenas considerados “hostis” apresentavam, nessa época, uma grande diversidade de categorias étnicas, como bem ilustra uma lista de soldados aventureiros, composta por 87 homens, recrutados em uma bandeira, cujo objetivo era conquistar os Kaiapó[**36**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn36). Com base nesta lista, a população colonial do século XVIII podia ser classificada de, no mínimo, três formas diferentes[**37**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn37).

28A primeira delas é a categoria étnico-racial. Foram identificados 10 bastardos – terminologia em uso no século XVIII para designar o mestiço de branco com índio–, todos forros, excetuando o morador da Aldeia de S. Mag.e, possivelmente de Barueri, que também foi identificado como morador da casa do Capitão Joaquim,  na paragem do Ferreiro, o que sugere tanto a circulação  do índio colonial pelos espaços das aldeias e das propriedades particulares como a disputa entre colonos e missionários pela mão-de-obra indígena. Além dos mencionados bastardos, ainda fazem parte da categoria étnico-racial 8 pardos, categoria fenotípica imprecisa, mas que designava também os índios; 11 mulatos, mestiços afrodescendentes; 4 “pretos”; 7 carijós, nome dado ao índio colonial; 2 carijós da “Nação Parasy”, índios considerados “amigos” dos paulistas e por isso deveriam “viver em liberdade”; e 1 carijó da nação Bororo, grupo conquistado pelos paulistas para fazer guerra aos Kaiapó.

29A segunda categoria denota a condição social do grupo alistado. Do total de 87 homens, 16 deles têm a condição de administrados, o que quer dizer, índios que “pertencem” ao seu administrador. Explica John Monteiro que a Carta Régia de 1696 estava:

* **38** John Manuel Monteiro,*Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn38)

“em flagrante desacordo com uma lei de cinco anos antes que proclamava a liberdade absoluta dos índios, esta reconhecia formalmente os direitos dos colonos à administração particular dos mesmos, assim consolidando outra forma de serviço obrigatório que não a escravidão”[**38**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn38).

* **39** Sergio Buarque de Holanda, “Movimentos da população em São Paulo no século XVIII”. In *Revista do In*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn39)

30Tais administrados, por sua vez, foram classificados em pardos (1); carijós (3); pardos forros (1) e mulatos (2). Além dos administrados, aparecem na lista 3 assistentes, cuja condição se assemelhava ao de um “agregado”, ou seja, um morador que presta serviços numa casa ou propriedade. Apenas 7 homens revelaram a condição de casados, sendo que um deles declarou ser casado com uma administrada e o outro com uma escrava. O número reduzido de homens casados é um indicativo forte da mobilidade e da pobreza desses homens do sertão, sem bens, propriedades ou trabalho fixo.**[39](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt" \l "ftn39)** Provavelmente, para esses homens, a conquista dos Kaiapó significava uma via de acesso ao *status*social pela almejada obtenção de escravos, terras e/ou mercês.

31 Por fim, a terceira categoria é a que indica a moradia fixa e a relação desses homens alistados com o espaço colonial. Entre eles, 93 eram habitantes do Arraial do Ferreiro, 15 do Ouro Fino, 5 eram moradores da vila não identificada, 5 da Barra, 4 da Anta, 3  do Igapito, 2 do Ribeirão do Mosquito, 1 do Bom Sucesso, 1 de São José, 1 do Batatal, 1 da Bagagem, 1 do Capão, 1 da Olaria, 1 do Paraná e 1 de Cambuiba, 1 da Aldeia de S. Majestade, além de 16 homens que simplesmente declararam viver em casas de moradores. Havia também um carijó crioulo, escravo índio nascido em Ouro Fino. Apenas 1 morador declarou ser proprietário de um sítio e 3 declararam ir com suas espingardas. Constam da lista também 4 viandantes, sem moradia fixa. Deduzimos aqui que os homens foram recrutados em várias regiões, sinal da dispersão e da mobilidade dos moradores, e, além disso, a maioria deles vivia em moradias e propriedades alheias, na condição de escravos e/ou agregados.

32Este quadro complexo de categorias demonstra, de um lado, o esforço classificatório por parte das autoridades coloniais que pretendiam estabelecer hierarquias para os alistados, numa tentativa de controle dessa população dispersa e volante, e, de outro, torna-se patente a dificuldade de enquadramento desses homens movediços e itinerantes do sertão, nos estratos sociais da Colônia, durante o século XVIII. Para Stuart Schwartz e Hal Langfur:

* **40** Stuart Schwartz e Hal Langfur, “Tapanhuns, Negros da Terra, and Curibocas. Common Cause and Confron [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn40)

“The colonial regime demonstrated a proclivity for creating new social categories and spaces in which the language of birth, hereditary status, color, religion, and perceived moral condition contributed to the creation of these ethnic or pseudoracial categories and their ascribed attributes”[**40**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn40).

* **41** Karen Spalding, “The Colonial Indian: Past and Future Research Perspectives”. In *Latin American Res*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn41)
* **42** John Manuel Monteiro, “Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenism [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn42)
* **43** A expressão é de Marco Antonio Silveira, *O universo do indistinto. Estado e sociedade nas minas set*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn43)

33Sob a ótica apenas da classificação dos nativos, sejam eles mestiços ou não, vem à tona, neste documento, uma profusão de terminologias indicativas de um intenso processo de miscigenação nas arenas da América meridional: “índio”, “gentio”, “carijó”, “bastardo”, “pardo”, “administrado”, “forro”, “morador da Aldeia de S. Majestade” e “mulato”. Seguindo as pistas de Karen Spalding, podemos deduzir que os índios e seus descendentes tiveram uma presença significativa na sociedade colonial tanto na condição de escravos como na de libertos. Nesse sentido, participaram ativamente da emergência de novos grupos, dos quais procuraram participar, firmando uma posição social nos estratos da Colônia que os diferenciasse dos “bárbaros errantes” do sertão.**[41](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt" \l "ftn41)** Para John Monteiro, “os índios coloniais buscavam forjar novas identidades que não apenas se afastavam das origens pré-coloniais, como também procuravam se diferenciar dos emergentes grupos sociais que eram frutos do mesmo processo colonial” [...]. [**42**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn42)O processo de conquista e de colonização, portanto, implicou na classificação dos grupos indígenas e de seus descendentes em categorias cada vez mais fragmentárias e complexas no contexto de uma sociedade movediça e “aluvional”[**43**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn43).

* **44** “Carta de João Gomes Pereyras, Ouvidor Geral da Comarca de Cuiabá a S. Majestade informando sobre u [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn44)

34Apesar das numerosas expedições punitivas, muitas delas fracassadas, os assaltos e as investidas dos nativos nos caminhos fluviais e terrestres do sertão continuaram a ocorrer ao longo do século XVIII. Isso obrigou as autoridades coloniais a diversificarem a estratégia de eliminação desses grupos indígenas. Em 1733, o ouvidor geral da Comarca de Cuiabá, João Gomes Pereyras, recomenda o trato com o gentio Guaicuru que reside às margens do rio Paraguai. Indica quatro motivos para isso ocorrer. O primeiro é que o contato com os Guaicuru favoreceria o comércio de cavalos, de que as minas tanto necessitam, que poderiam ser trocados por tecidos; o segundo é que os próprios índios cavaleiros poderiam observar “os movimentos e ânimos dos Hespanhoes”; o terceiro é que os ameríndios poderiam fundar uma povoação para “acommeter as Povoações de Hespanha, e senhorear as margens do rio Paraguay Grande”; por fim, o quarto motivo é que os Guaicuru poderiam “extinguir o resto do Payaguá”[**44**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn44).

* **45** José Barbosa Sá, “Chronicas do Cuyabá”. In*Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paul*[(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn45)
* **46** Carlos Fausto, “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico d [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn46)

35Em 1740, as autoridades enviaram “um cabo capaz de presentear e fazer amizades com o gentio Aycurú, para, por meio delles, destruírem-se os payaguás”[**45**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn45). Uma expedição partiu então capitaneada por Antonio João de Medeiros, com doze canoas e 140 homens com destino ao território dos Guaicuru para presenteá-los com panos de cores, baetas, chitas, barretes, chapéus, fitas, contas, pentes, facas, tesouras, machados, entre outros. Em resposta, os Guaicuru ofereceram-se como aliados na guerra contra os Payaguá e contra os espanhóis. Mas, no dia seguinte, contrariando o acordo, os Guaicuru mataram cinqüenta soldados. Este episódio ilustra a “labilidade das fronteiras da amizade e da inimizade” dos grupos indígenas[**46**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn46).

[***Considerações finais***](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#tocfrom1n3)

* **47** Jonahtan D. Hill,*History, Power, and Identity. Ethnogenesis in the Americas 1492-1992*, Iowa, Unive [(...)](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn47)

36O processo de conquista dos territórios indígenas da América meridional pelos paulistas fomentou a formação de novas identidades indígenas, definidas por Jonathan Hill como etnogêneses[**47**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn47). O avanço da colonização, depois do descobrimento do ouro de Cuiabá e de Goiás, acirrou os confrontos com os Payaguá, Guaicuru e Kaiapó que circulavam na região.

37Como resultado, as aldeias indígenas tornaram-se aldeias multiétnicas, com cativos indígenas, brancos, negros, mulatos, bastardos, carijós, que falavam línguas diferentes e, muitas vezes, serviam de intérpretes do mundo colonial. As tropas que empreenderam as expedições punitivas, por sua vez, também apresentavam uma notável diversificação em sua composição, formada por brancos, bastardos, carijós, índios de etnias diferentes, negros, mulatos e pardos, fruto de um intenso processo de miscigenação no século XVIII.

38Tudo indica que a diversidade étnica presente nas fronteiras da América meridional reforçou a centralização do poder das lideranças indígenas e paulistas, capazes de realizar negociações políticas e econômicas com as Coroas ibéricas, as autoridades coloniais, os grupos indígenas e os colonos.

* **48** Pe José Sanchez Labrador, op.cit., p. 83.

39O perfil do cacique Epiliguiyegi, reconhecido como herdeiro do cacicado payaguá, é um bom exemplo do perfil de uma liderança indígena no século XVIII. Era filho de um cacique Epaquini (Mbayá) com uma índia Payaguá, foi educado em Assunção até os 10 anos, onde aprendeu a língua guarani, conheceu muitos espanhóis e foi batizado com o nome de Lorenzo[**48**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#ftn48). Já o sertanista Antônio Pires de Campos, que liderou a campanha contra os Kaipó lhes atribuindo costumes canibais, tinha uma boa capacidade de negociação ao chefiar uma tropa de cerca de quinhentos Bororo, um terço dos quais bem armados, além das tropas de soldados aventureiros. Este líder paulista, que sabia transitar entre o mundo dos índios e o mundo dos brancos, percorreu mais de três meses os territórios Kaiapó, destruindo todas as aldeias, retornando à Vila Bela com aproximadamente mil cativos.

40No entanto, à medida que o processo de conquista avançava pelos territórios indígenas, fortes, presídios, fazendas e vilas pontuavam a posse da região pelas Coroas ibéricas, enquanto, gradativamente, se esfacelavam os movimentos de resistência e as identidades guerreiras ameríndias. Na década de 1770, foram fundados os presídios de Albuquerque e Coimbra, eficazes na guerra de conquista dos nativos e na interrupção da circulação das etnias pela América meridional.

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Notas**

[**1**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn1) John Hemming, “Índios and the Frontier in Colonial Brazil”, In *The Cambridge History of Latin* *America*, vol. II, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, p. 501

[**2**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn2) Gregory H. Nobles, *American frontiers: cultural encounters and continental conquest*, New York, Hill and Wang, 1977, p. 12.

[**3**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn3) Mário Neme, “Dados para a história dos índios Caiapó”, *Anais do Museu Paulista*, t. XXIII, São Paulo, 1969, p. 104. Ver também Odair Girandin, *Cayapó e Panará: Luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central*, Campinas, Ed. Unicamp, 1997.

[**4**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn4) John M. Monteiro, “’Good Indians’ and ‘Bad Indians’ in Colonial Brazil: cultural and economic determinants of royal policy and private practice in the early eighteenth century”, paper presented to the XI International Congress of the Latin American Studies Association, Mexico City, 29 Sep.-1 Oct. 1983, sem publicação, p. 64.

[**5**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn5) Idem, p. 22a.

[**6**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn6) Francisco Palácio, *Roteyro da viagem de São Paulo p.aas Minas de Cuyabá que fez Francisco Palácio no ano de 1726*, manuscrito do século XVIII (1734?) da Coleção Yan de Almeida Prado, Instituto de Estudos Brasileiros, 14 verso.

[**7**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn7) “Carta de João Batista Duarte, Juiz de Fora da Vila de Cuiabá a D. Luís Pinto de Sousa Coutinho, Governador Capitão General da Capitania de Mato Grosso, enviando notícias sobre acontecimentos ocorridos na região de Cuiabá, com os índios Caiapó, Bororó e Paiaguá. Vila de Cuiabá, 8 abr.1771”, 12 p, *Caderno 24*, Acervo de S.B.H, Unicamp.

[**8**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn8) Sílvia M. Schmuziger Carvalho, “Chaco: encruzilhada de povos e ‘*melting pot*’ cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense”. In Manuela Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios no Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Cia. das Letras-Secretaria Municipal de Cultura-Fapesp, 1992, p. 462.

[**9**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn9) Carina P. Lucaioli, *Los grupos abipones hacia mediados del siglo XVIII*, Buenos Aires, Sociedad Argentina de Antropologia, 2005, p. 64.

[**10**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn10) Sílvia M.Schmuziger Carvalho, op.cit., p. 463.

[**11**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn11) M.E.de Azevedo Marques, *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*, Tomo II, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1980, p.150.

[**12**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn12) “Carta de Miguel Antonio de Sobral, relatando um ataque dos índios Paiaguá, matando diversas pessoas entre elas: Pedro Morais Navarro, seu sobrinho e um frade, e tecendo outros comentários. Casa do Registro, 05 abr. 1736”, 6 p,*Caderno 15*,Acervo de S.B.H, Unicamp.

[**13**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn13) “Parecer incompleto de João de Souza de Azevedo, Sargento-mor, sobre o Tratado de Limites de 1750, em conferência ocorrida no Colégio de Santo Alexandre, na cidade de Belém do Pará, diante de D. Francisco Pedro de Mendonça Gurjão, Governador Capitão General do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, e outras autoridades, em 16 jan. 1752”, *Caderno 21*, Acervo de S.B.H, Unicamp.

[**14**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn14) D. Antonio Rolim de Moura, “Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cidade de S. Paulo para a Vila de Cuyabá em 1751”. In Taunay, Affonso de E., *Relatos monçoeiros*, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1981, p. 210.

[**15**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn15) Domingos Lourenço de Araújo, “Notícias 3ª Prática dada pelo Capp.mDomingos Lourenço de Araújo ao R.P.Diogo Soares sobre o infeliz sucesso, que tiveram no Rio Paraguai as tropas que vinham para S. Paulo no anno de 1730”, In Taunay. Affonso d´E, *Relatos monçoeiros*, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1981, p. 142.

[**16**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn16) Francisco Rodrigues Prado, “História dos Índios Cavalleiros ou da Nação Guaycuru”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 3ª ed., Tomo I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908, p. 32.

[**17**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn17) Guillaume Boccara, *Guerre et ethnogenèse mapuche dans le Chili colonial. L´invention du soi*, Paris, L´Harmattan, 1998, p. 117.

[**18**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn18) João Antonio Cabral Camello, “Noticias Práticas das Minas do Cuiabá e Goiases, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Ver Padre Diogo Juares, o Capitão João Antonio Cabral Camello”. In Taunay, Affonso d’E, *Relatos monçoeiros*, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1981, p. 124.

[**19**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn19) Pe José Sanchez Labrador, *El Paraguay Católico*, II Tomos, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910, p. 307.

[**20**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn20) Idem, p. 311.

[**21**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn21) Francisco Rodrigues do Prado, op.cit., p. 31.

[**22**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn22) Félix Azara, *Viajes por la América Meridional*, II Tomos, Buenos Aires, El Elefante Blanco, 1988, p. 59.

[**23**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn23) Pe José Sanchez Labrador, op.cit., p. 42.

[**24**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn24) Claude Lévi-Strauss, “Guerra e comércio entre os índios da América do Sul”. In Schaden, Egon, *Leituras de Etnologia Brasileira*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 338.

[**25**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn25) “Carta de D. Antonio Rolim de Moura, Governador Capitão General da Capitania de Mato Grosso a Diogo de Mendonça Corte Real, Secretário de Estado, tratando de assuntos diversos como dificuldades de navegação entre a Capitania e a Corte; necessidade de demarcação de terras nas fronteiras com os castelhanos; fuga dos escravos; situação com os índios Paiaguá e tecendo comentários sobre os mapas da Capitania que enviou. Vila Bela, 5 de set. de 1754.” 15 p,*Caderno 29*, Acervo de S.B.H.Unicamp.

[**26**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn26) *Apud* Sérgio Buarque de Holanda, *O Extremo Oeste*, São Paulo, Brasiliense, Sec. do Est. e da Cultura, 1986, p. 70.

[**27**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn27) D. Carlos de Los Rios Valmaseda, “Notícia 4ª Prática vinda da Cidade do Paraguai a Nova Colonia do Sacramento com aviso de venda, que fizeram os paiaguás dos cativos portugueses naquela mesma cidade, e escrita por D. Carlos de los Rios Valmaseda”. In Taunay, Affonso d´E., *Relatos monçoeiros*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1981, p. 146.

[**28**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn28) D. Carlos de Los Rios Valmaseda, op.cit., p. 146.

[**29**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn29) D. Carlos de Los Rios Valmaseda, p. 148.

[**30**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn30) “1735, Dezembro, 2. Lisboa Ocidental”. Caixa 11. Doc. no1102, *Projeto Resgate. Catálogo 2*. Conselho Ultramarino – Brasil – São Paulo, Arquivo Histórico Ultramarino.

[**31**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn31)  “1735, Dezembro, 2. Lisboa Ocidental”. Caixa 11. Doc. no1102, *Projeto Resgate. Catálogo 2*. Conselho Ultramarino – Brasil – São Paulo, Arquivo Histórico Ultramarino.

[**32**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn32) “Carta de Antonio de Souza Barros, Juiz da Vila de Cuiabá a S. Majestade, informando a Antonio da Silva Caldeira Pimentel, Governador Capitão General da Capitania de São Paulo, sobre a coleta e fundição de ouro do Real Quinto, na Casa Real de Fundição de São Paulo, conforme determinações reais, expondo as dificuldades enfrentadas com os índios Paiaguá, Guaicuru e Caiapó e denunciando a corrupção dos Provedores que se apossavam dos bens de herdeiros. Vila de Cuiabá, 25 mar. 1728”, *Caderno 27*, Acervo de S.B.H., Unicamp.

[**33**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn33) *Documentos Interessantes* XXII, p. 168.

[**34**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn34) “Carta do Provedor e Intendente da Fazenda da Vila de Cuiabá, informando sobre a arrecadação e despesas da Provedoria e apresentando resumo das contas do rendimento da capitação das matrículas dos anos de 1736-39. Vila de Cuiabá, 30 ago. 1738”, *Caderno 27*, Acervo de S.B.H, Unicamp.

[**35**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn35) “Carta de João Gonçalves Pereira, Ouvidor Geral da Comarca de Cuiabá a Manoel Caetano Lopes de Lavre, Secretário de Estado, enviando notícias sobre o novo descobrimento Beripoconé; informando a chegada do Capitão Antonio de Pinho de Azevedo, descobridor do caminho para as minas de Goiás; a introdução de cavalos, o aprisionamento dos índios Bororó, Caiapó e Paiaguá; o edital disciplinando o cativeiro indígena e indagando se os mesmos devem ou não pagar a capitação. Rio Cuiabá, 01 set. 1737”., 4p., *Caderno 12*, Acervo de S.B.H., Unicamp.

[**36**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn36) “Lista de soldados aventureiros q hão de hir a Conquista do Gentio Cayapó”, Caixa 88, Ordem 334, Arquivo do Estado de S. Paulo.

[**37**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn37) O Prof. John Manuel Monteiro analisou as categorias de classificação da população colonial no século XVIII, distinguindo-as entre as categorias étnico-raciais, as condições sociais e as de moradia, tendo sido o responsável pela definição de cada uma delas. Deixo aqui registrado o meu agradecimento.

[**38**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn38) John Manuel Monteiro, *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 152.

[**39**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn39) Sergio Buarque de Holanda, “Movimentos da população em São Paulo no século XVIII”. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.1, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1966, p. 92.

[**40**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn40) Stuart Schwartz e Hal Langfur, “Tapanhuns, Negros da Terra, and Curibocas. Common Cause and Confrontation between Blacks and Natives in Colonial Brazil”. In Restall, Matthew (ed.). *Beyond Black and Red. African-Native Relations in Colonial Latin América*, Albuquerque: University of New México Press, 2005, p. 83-84.

[**41**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn41) Karen Spalding, “The Colonial Indian: Past and Future Research Perspectives”. In *Latin American Research Review*, vol. VII, n.1, Spring 1972, p. 48 e 65.

[**42**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn42) John Manuel Monteiro, “Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo”. Tese apresentada para o Concurso de Livre Docência, no Departamento de Antropologia, IFCH, UNICAMP, 2001, p. 59.

[**43**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn43) A expressão é de Marco Antonio Silveira, *O universo do indistinto. Estado e sociedade nas minas setecentistas (1735-1808)*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1997.

[**44**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn44) “Carta de João Gomes Pereyras, Ouvidor Geral da Comarca de Cuiabá a S. Majestade informando sobre uma carta que recebeu de Agostinho Pacheco Teles, Superintendente das Minas de Goiás, questionando sobre a possibilidade de introdução de cavalos pela região da Vacaria e sugerindo um acordo com os índios Guaycurus, que residem nas margens do Rio Paraguai e possuem abundância de cavalos, para troca destes por tecidos. Vila de Cuiabá, 8 set. 1733”, *Caderno 25*, Acervo de S.B.H., Unicamp.

[**45**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn45) José Barbosa Sá, “Chronicas do Cuyabá”. In *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, IV, São Paulo, 1898-1899, p. 89.

[**46**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn46) Carlos Fausto, “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico”. In Cunha, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1992, p. 354.

[**47**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn47) Jonahtan D. Hill, *History, Power, and Identity. Ethnogenesis in the Americas 1492-1992*, Iowa, University of Iowa Press, 1996.

[**48**](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#bodyftn48) Pe José Sanchez Labrador, op.cit., p. 83.

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Para citar este artigo**

**Referência eletrónica**

Glória Kok, « Fronteiras índias nos “dezertos, ainda indecizos, pella linha imaginária”. Século XVIII », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates, posto online no dia 29 Setembro 2011, consultado o 07 Julho 2015. URL : http://nuevomundo.revues.org/62012 ; DOI : 10.4000/nuevomundo.62012

[Topo da página](https://nuevomundo.revues.org/62012?lang=pt#article-62012)

**Autor**

[**Glória Kok**](https://nuevomundo.revues.org/62014)

UNICAMP. kokmartins@uol.com.br